

Atena: Quando a dor vira justiça com as próprias mãos

Depois de percorrer um longo caminho entre filmagens e negociações de distribuição, Atena, novo suspense nacional dirigido por Caco Souza, finalmente chega aos cinemas de todo o Brasil a partir de 31 de julho. Protagonizado por Mel Lisboa, o longa mergulha na dor de uma mulher que transforma suas cicatrizes em vingança, expondo as falhas de um sistema que insiste em calar vítimas e proteger agressores.



Mary Lima

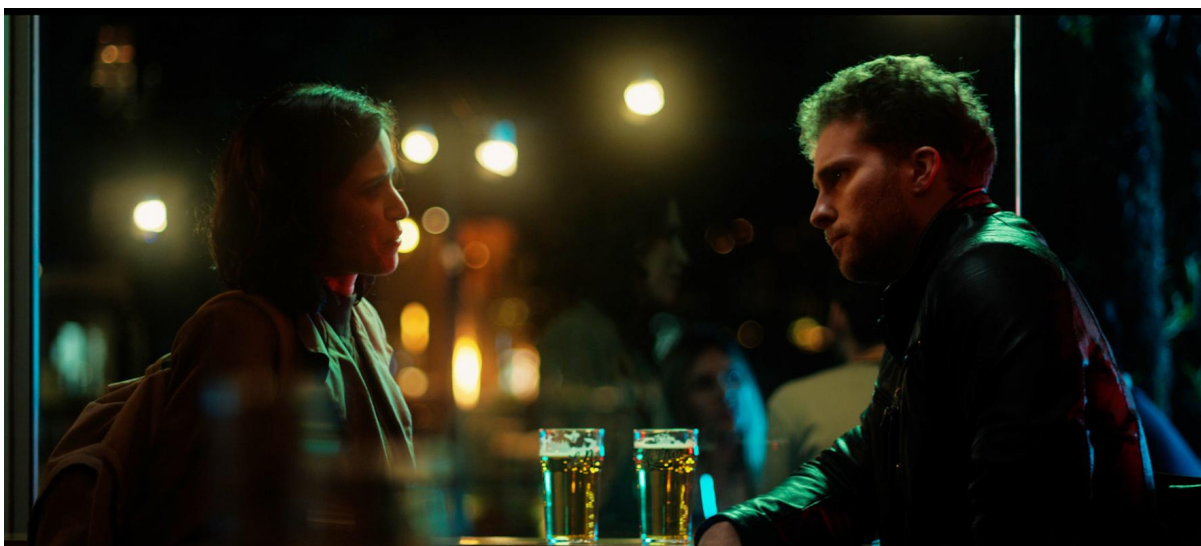
Cinema, Cinema Brasileiro, Em Cartaz, Filmes, Atena, Resenha

No cinema, algumas histórias são como feridas abertas: incomodam, ardem e nos obrigam a olhar para aquilo que preferimos ignorar. Atena, novo thriller de Caco Souza (400 Contra 1), é esse tipo de filme. Ancorado por uma performance intensa de Mel Lisboa, o longa-metragem propõe uma narrativa sombria, mas necessária, sobre o ciclo da violência contra mulheres e como, muitas vezes, a justiça oficial falha em quebrá-lo.

A protagonista que dá nome ao filme é dona de uma loja de roupas, mas carrega no corpo e na memória as marcas de abusos sofridos na infância. Em vez de silenciar sua dor, Atena a transforma em combustível para agir: identifica, caça e executa estupradores, agressores e pedófilos que vivem confortavelmente na sombra da impunidade. Essa escolha narrativa de fazer da vingança uma forma extrema de justiça é corajosa, pois flerta com dilemas éticos universais.



Grande parte do mérito se deve à entrega de Mel Lisboa, que imprime à personagem uma dualidade crível entre a mulher comum, dona de fragilidades, e a justiceira impiedosa. É essa transição que sustenta o filme até nos momentos em que o roteiro se mostra mais expositivo. Lisboa domina a tela com nuances que oscilam entre fúria, medo, melancolia e uma lucidez quase perturbadora sobre o que faz e por quê.



Ao lado dela, Thiago Fragoso interpreta um jornalista que, entre a curiosidade profissional e o senso de justiça, passa a investigar os rastros deixados pela protagonista. Embora seu arco não alcance o mesmo peso dramático, Fragoso cumpre o papel de voz da razão, dando ao espectador uma âncora moral para contrabalançar as ações de Atena.

Outro ponto alto está na ambientação: o filme foge do eixo Rio-São Paulo e situa sua trama entre Gramado (RS) e Montevidéu (Uruguai). Essa escolha reforça a ideia incômoda de que a violência não é privilégio de grandes centros urbanos. Ela pode se esconder em ruas pacatas, entre vizinhos “respeitáveis”, atrás de fachadas que ninguém ousa questionar. A fotografia valoriza essa atmosfera ao usar majoritariamente luz natural, criando contrastes marcantes entre momentos íntimos de vulnerabilidade e as cenas de caça.

A trilha sonora, pontual e densa, eleva a tensão sem se tornar invasiva. É como se cada batida ecoasse o peso do silêncio que, tantas vezes, cerca vítimas de abuso. Já a montagem dinâmica, alternando flashbacks e ação, ajuda a manter o ritmo sem cansar, ainda que por vezes repita situações para garantir que o público não perca o fio da meada.

Apesar de algumas conveniências narrativas e vilões unidimensionais, Atena não se propõe a reinventar o gênero, mas sim a inserir nele uma força simbólica: a da mulher que se recusa a ser silenciada. Em tempos em que casos de violência contra mulheres e crianças seguem banalizados ou negligenciados, o filme faz um convite incômodo, mas necessário, a encarar essa realidade de frente.



Atena é um suspense corajoso, que equilibra denúncia social, drama pessoal e momentos de ação com honestidade. Se não chega a ser uma obra prima irrepreensível, certamente é um filme que merece ser visto, debatido e sentido. Porque, como sua protagonista, Atena não quer oferecer conforto, quer provocar. E, nesse propósito, é inegavelmente bem-sucedido.